

# “A Covid acelerou a vontade de mudança de paradigma”: Entrevista<sup>1</sup> com Lisette Lagnado<sup>2</sup>

“The Covid accelerated the desire for a paradigm change”

Fernanda Pequeno<sup>3</sup>

1

A entrevista foi realizada na casa de Lisette Lagnado, em Berlim, em julho de 2020, quando Lagnado estava morando na cidade alemã para a curadoria da 11ª Bienal de Berlim. A entrevista foi realizada no âmbito do projeto de pesquisa de Fernanda Pequeno, intitulado “A margem é sempre muito larga”, desenvolvido durante o seu pós-doutoramento junto à Universidade de Hamburgo (2019-2020). A parte final do projeto incluiu entrevistas com artistas e curadoras brasileiras vivendo em Berlim e contou com financiamento do DAAD, através do seu programa de “Estádios de pesquisa na Alemanha para professores e cientistas”.

2

Lisette Lagnado, nascida em Kinshasa (R.D.C.), é Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e Doutora em Filosofia (USP). Foi coeditora das revistas *Arte* em São Paulo (1981-89) e *tópico* (2001-11). Cofundou o Projeto Leonilson, sociedade com amigos e irmãs do artista morto em 1993, para a sistematização de sua obra, que resultou na primeira exposição monográfica “São Tantas as Verdades” (1995). Coordenou o Programa Hélio Oiticica, arquivo online dos manuscritos do artista (Itaú Cultural, 1999-2002). Foi curadora chefe da 27ª Bienal de São Paulo, “Como Viver Junto” (2006). De 2014 a 2017, dirigiu e cuidou dos Programas Públicos da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, onde também criou o *parquinho Lage*, voltado para “crianças de todas as idades”. Autora de diversos artigos em publicações nacionais e estrangeiras, realizou exposições de Rivane Neuenschwander, Cabelo, Bispo do Rosário e León Ferrari, entre muitos. Residiu na Alemanha de 2019 a 2021, onde foi cocuradora da 11ª Bienal de Berlim, “The Crack Begins Within”, e professora convidada na Hochschule für Kunst Bremen (2021). Prepara atualmente uma mostra, junto com André Pitó e Yudi Rafael, para o Sesc Pompéia, que celebra os quarenta anos dessa unidade, que inaugurará em outubro de 2022.

3

Fernanda Pequeno é Mestre em Artes (UERJ) e Doutora em Artes Visuais (UFRJ), com período sanduíche no TrAIn (UAL, Londres). Foi coordenadora de exposições do Departamento Cultural da UERJ entre 2016 e 2018. Autora de Lygia Pape e Hélio Oiticica: conversações e fricções poéticas (Apicuri, 2013). Atualmente é coordenadora adjunta do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da UERJ, universidade na qual coordena o projeto de pesquisa “Arte como valor” e atua como uma das editoras da Revista *Concinnitas*. É membro do Comitê Brasileiro de História da Arte. Entre 2019 e 2020, realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Hamburgo, Alemanha, com financiamento parcial do DAAD. Além de pesquisadora, atua como curadora independente. Entre as suas curadorias, destacam-se: Possibilidades do Ateliê Contemporâneo (EAV Parque Lage/ Funarte, 2009), PLAY (Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, 2013-14), Nós (Caixa Cultural, 2016-2017), Rios do Rio (Museu Histórico Nacional, 2019), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, R. São Francisco Xavier, 524 - Maracanã, Rio de Janeiro - RJ, 20550-013. E-mail: fernanda.pequeno.silva@uerj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8187-9077> Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4186121869977610>. Rio de Janeiro, Brasil.

## Resumo

Realizada em Berlim, em julho de 2020, quando a cidade alemã havia enfrentado a primeira onda e saído do primeiro *lockdown* devido à pandemia do Coronavírus, a entrevista abordou a atuação de Lisette Lagnado como uma das curadoras da 11ª Bienal de Berlim, passando por sua relação com a capital alemã. As experiências profissionais anteriores de Lagnado também foram cotejadas, assim como os enfoques feministas e de gênero. A realidade pandêmica foi discutida, traçando um paralelo com a epidemia da AIDS.

**Palavras-chave:** 11ª Bienal de Berlim, gênero, feminismos, pandemia.

## Abstract

Held in Berlin, in 2020 July, when the German city had faced the first wave and reopened after the first lockdown due to the Coronavirus pandemic, the interview addressed Lisette Lagnado's acting as one of the curators of the 11th Berlin Biennale, passing for her relationship with the German capital. Lagnado's previous professional experiences were also collated, as well as feminist and gender approaches. The pandemic reality was addressed, tracing a parallel with the AIDS epidemic.

**Key-words:** 11th Berlin Biennale for Contemporary Art, gender, feminisms, pandemic.



"A Covid acelerou a vontade de mudança de paradigma":  
Entrevista com Lisette Lagnado  
Fernanda Pequeno

**Fernanda Pequeno:** Eu queria começar agradecendo a sua disponibilidade. Como pontapé inicial, gostaria de te pedir para falar um pouco da sua atuação como uma das curadoras da décima primeira Bienal de Berlim. Se quiser apresentar a proposta e abordar o recorte que vocês estão estabelecendo...

**Lisette Lagnado:** Obrigada Fernanda. Estamos conversando em meio a muitas incertezas. Sabe que relutei muito a vir para Berlim pois, caso o projeto ganhasse, teria que morar aqui, e não conseguia imaginar minha atuação numa cidade em que eu não pudesse falar a língua. Seria um handicap penoso que logo ultrapassei: me dei conta de que o mundo da arte sempre lida com o inglês e que, para os alemães, tampouco é sua primeira língua. Então, esse sentimento de ser estrangeira e de sofrer uma espécie de insuficiência em relação à linguagem estaria na mesma sintonia, numa espécie de simetria. Não ficaria tão alienada do contexto pelo fato de não falar uma palavra de alemão. Mas minha vinda foi realmente motivada por um projeto latino-americano, com pessoas com quem eu poderia me sentir mais em casa. Pessoas com quem eu tinha um mínimo de afinidade cultural e linguística.

O projeto, obviamente, tendo sido pensado antes de vir aqui, teve um percurso interessante a partir do momento que nos exigiu um envolvimento com a cidade. Para além de morar nela, inventamos para a Bienal de Berlim uma espécie de dobra a partir do que foi o Clube de Artistas Modernos em São Paulo nos anos 1930, ou seja, criamos um espaço de experimentação para nós. A ideia era "testar" nossas propostas numa escala menor, mais doméstica quase. Tínhamos vários desejos que não se concretizaram, como laboratórios de tradução coletiva. A partir de um texto inédito para esse novo ambiente, como seria a recepção da Experiência nº 2, de Flávio de Carvalho, considerando pessoas de diversas matrizes (alemã, turca, espanhola, de quem viesse nos visitar)? Enfim, a intenção era simples: já que mudamos de nossos países de origem para viver aqui, vamos montar um espaço que seja nossa oficina de reflexões e práticas com as portas abertas, na contramão das bienais cercadas de mistério, com curadores viajando e trabalhando na frente de uma tela de computador.



“A Covid acelerou a vontade de mudança de paradigma”:  
Entrevista com Lisette Lagnado  
Fernanda Pequeno

Agora, foi graças a este pequeno espaço que tive uma experiência vivencial de Berlim. Quando eu for embora, posso afirmar isso. Fico feliz de perceber que conseguimos criar uma célula temporária, com uma porosidade e uma escuta para nossa vizinhança, prestando atenção a situações, protocolos e maneiras de se relacionar. Claro, o projeto mudou muito entre o que foi apresentado e a estrutura que se manteve. Hoje, quando olho para trás, não sei quantos nomes de artistas permaneceram, poucos até. Por quê? Todo mundo mudou muito. Nós mudamos no decorrer desses meses, foi muito intenso.

**FP:** E você está em Berlim desde quando?

**LL:** Cheguei em março de 2019. O projeto se permitiu amadurecer enquanto estávamos abertos ao público e foi bem processual. Mantivemos esse espaço no bairro de Wedding, no edifício do ExRotaprint. Logo na primeira semana, o escritório da Bienal nos perguntou quais dias ficaria aberto à visita e quais seriam as atividades, mas como poderíamos estipular isso? Foi preciso se adaptar ao ritmo da cidade para entender que os encontros, ou as palestras, se dão às 7h da noite, que o sábado atrai um determinado público, e que aos domingos não rola nada. Eu vinha do Rio de Janeiro, onde a dinâmica é totalmente outra. Então, hoje, nesse dia que a gente está conversando, teremos o finissage da Experiência nº 3<sup>4</sup>. A gente desmonta na segunda-feira, e a Experiência nº 4 (a exposição da Bienal espalhada em várias sedes) será o que chamamos de Epílogo. Alguns rastros desse experimentos foram registrados para constar lá na frente nessa abertura. Muitas coisas, em função da Covid, devem ir para a plataforma digital porque os artistas que iriam fazer performances ou falar não podem mais viajar. Até mesmo as publicações estão sendo questionadas, a ideia inicial de quatro pequenas publicações autônomas como essas aqui e um Guia<sup>5</sup>, será que ainda fazem sentido? Não sabemos. A Covid é uma oportunidade de repensar radicalmente nossas ações sobre o mundo, a escala das exposições, das publicações, talvez substituir por um QR Code. O que fazer para diminuir emissões de CO2, nosso impacto sobre o planeta... Estamos refletindo. Ademais, dessa vez, diferentemente da 27ª Bienal de São Paulo em que eu era Curadora-chefe, aqui o projeto foi escrito a quatro mãos.

4

Tendo como um de seus pontos de partida o caráter experimental do artista brasileiro Flávio de Carvalho, a 11ª Bienal de Berlim organizou-se em três Experiências e um Epílogo.

Mais informações no website:  
<https://11.berlinbiennale.de/about>

Acesso em 18/08/2022 às 16:28h

5

Algumas publicações da 11ª Bienal de Berlim estão disponíveis para venda e outras para download gratuito no website: <https://11.berlinbiennale.de/publications>  
Acesso em 18/08/2022 às 13:46h



“A Covid acelerou a vontade de mudança de paradigma”:  
Entrevista com Lisette Lagnado  
Fernanda Pequeno

**FP:** Vocês foram convidadas, vocês fizeram o projeto em conjunto, como é que foi isso?

**LL:** Es cura dores shortlisted foram Agustín Pérez Rubio e eu. Fomos convidadas separadamente. Depois de uma semana, chamei a María Berríos, com quem eu já tinha feito uma exposição no Reina Sofía. E de repente Agustín me escreveu, me convidando a redigir a proposta com ele. Daí eu disse: “Vamos conversar.” Depois do Skype, decidimos nos juntar. Ele não tinha ainda, digamos, um trigger, e eu já tinha o Flávio de Carvalho na cabeça como espécie de álibi para examinar os anos 1930, tendo a Alemanha como terreno de investigação. Até porque o Flávio não é propriamente moderno, ele fica numa entressafra que antecede o Tropicalismo. Me interessava sua viagem de seis meses na Europa entre 1933-34 que resultou na publicação *Os Ossos do Mundo*, título da nossa primeira exposição no ExRotaprint. Então, por conta do surgimento de várias questões ligadas à atual onda neofascista, eu achava que a gente poderia se apoiar numa figura artística muito pouco lida que nos ajudaria a abrir frentes para atualizar conceitos que nos chegam dos campos da Etnologia, da Psicanálise etc.

**FP:** Eu imagino que tudo tenha que ser discutido, votado, negociado, tem essa complexidade. E tem essas agilidades, que as vezes você precisa dar uma resposta...

**LL:** Tentamos construir uma voz coletiva para tomar as decisões: para convidar es artistas, a arquiteta, tudo. Pessoalmente, nunca tinha participado de uma experiência tão horizontal. O tema da horizontalidade é muito evocado, porém, de maneira leviana, como se fosse um procedimento fácil, só que não é. Para mim, foi bom porque a experiência da Bienal de São Paulo, de certa maneira, havia sido traumática. Dentro do contexto brasileiro, sua recepção foi bem problemática. Já internacionalmente, foi o contrário. Mas eu não estava mais disposta a realizar um evento dessa magnitude. Eu embarquei na bb11 pensando diferente: “Que bom integrar um corpo mais flexível.” Em determinados momentos, você se cala e é e outro quem fala. A gente se escuda nesse outro.

**FP:** E tem uma divisão de papéis ou vocês todes fazem tudo?

**LL:** A Bienal queria receber de nós uma divisão de trabalho e responsabilidades. A gente conhecia nossas características. Por exemplo,



"A Covid acelerou a vontade de mudança de paradigma":  
Entrevista com Lisette Lagnado  
Fernanda Pequeno

Agustín é a pessoa que tem uma sensibilidade aguda com a arquitetura do espaço. Por conta do domínio do inglês, ficou decidido que a Maria assumiria a frente de tudo que foi comunicação e publicação. A Renata cuidou mais da relação com públicos jovens, propondo encontros e oficinas que, agora com a Covid, tiveram de ser reformulados. Incrível, hoje fazemos atividades para cinco crianças, quatro...

**FP:** Mas por exigência ou porque o público mudou?

**LL:** Por exigência sanitária.

E agora o tempo está bom, você ainda pode ficar na área externa. Mas com a nova data fixada para setembro e outubro, não sabemos quais atividades serão possíveis de fazer fora e quais dentro. A montagem da exposição está sendo completamente repensada. Tudo tem de ter uma entrada e uma saída distinta, por conta do fluxo de públicos e da circulação do ar. Não pode haver fone de ouvido, as pessoas receberão aquele capacete que aciona com um sinal na frente de cada instalação. Certas obras eu não consegui trazer do Brasil.

**FP:** Por conta da pandemia?

**LL:** Sim. As pessoas no Brasil estão em lockdown. Obras do MAC/USP e uma da Pinacoteca de São Paulo, outra do MAM do Rio de Janeiro. Na verdade, o medo transcende o agora, sair de casa para fazer um laudo etc., a questão maior é: e o retorno dessas obras? Ninguém sabe dizer como estaremos em novembro. Já se fala de um segundo lockdown. Também tivemos de suspender a figura do courier porque vir e ficar três dias, isto é inviável. Realmente queremos parar e pensar: "Qual o significado de emitir tanto carbono quando o planeta está dando sinais de esgotamento? O que entender por meio dessa pandemia?"

**FP:** Se vai ter uma segunda onda ou não.

**LL:** Todos os projetos estão sendo repensados, porque artistas que precisavam sair pra filmar estão tendo de produzir dentro de casa... É o caso da Elena Tejada-Herrera que agora está pedindo às mulheres que façam sua participação usando o celular. Muito frustrante.

**FP:** Chegou a ter artista que ficou prese aqui, que iria fazer residência e não conseguiu voltar?



“A Covid acelerou a vontade de mudança de paradigma”:  
Entrevista com Lisette Lagnado  
Fernanda Pequeno

**LL:** Não. O maior problema está sendo com os artistas que não podem mais vir. Por exemplo, Edgar Calel que faria uma residência aqui.

**FP:** Eu imagino que essa rotina de trabalho, ainda mais com a pandemia e todas as adaptações, com necessidade de reuniões, tenha demandado praticamente todo o seu tempo e sua disponibilidade. Mas você já está aqui há algum tempo, desde o ano passado. Então, o que você conseguiu vivenciar da cidade de Berlim que poderia ser considerado um ponto alto? Não sei se algum Project Space ou alguma vivência da cidade que você destaque como ponto de interesse.

**LL:** Digamos que a primeira “demolição” interna, em termos abstratos, simbólicos, foi perceber a dificuldade de inscrever um gesto numa cidade como esta. É uma cidade já muito internacional... Mal cheguei, já tinha um show da Linn da Quebrada, por exemplo. Outra questão: aqui as coisas são muito segmentadas por linguagens. Você tem um festival de dança, um festival de teatro, e, por outro lado, o Haus der Kulturen der Welt que desenvolve uma programação bem acadêmica. Me pareceu que tudo estava meio feito. Foi a impressão inicial. Falar de antropoceno? Viveiros de Castro esteve recentemente aqui com a Déborah Danowski. O debate decolonial? As pessoas já estão fartas. Então dá um frio na barriga...

Quando nós concebemos o projeto, ou seja, escrevendo do Brasil, acompanhamos o anúncio da data de inauguração do Humboldt Fórum e isso suscitou a vontade de debater a constituição de coleções junto com essa questão da restituição, do Presidente Emmanuel Macron examinando a responsabilidade colonial da França perante países africanos, do relatório da Bénédicte Savoy e do Felwine Sarr<sup>6</sup>. Com o incêndio do Museu Nacional no Rio de Janeiro, havia um campo para trabalhar a construção de uma riqueza patrimonial a partir dos saques coloniais e a reprodução dessas narrativas numa ex-colônia. Mas, você sabe, não andou. A própria inauguração do Humboldt Fórum foi adiada<sup>7</sup>. E também somos quatro indivíduos com interesses diferentes na curadoria, você precisa estar muito obcecada para sustentar uma única questão porque fazer um evento como uma Bienal não permite pesquisas verticais. A questão da restituição vai, portanto, aparecer na Bienal através de um artista mapuche, do Chile, Francisco Huichaqueo. Sua abordagem não é apenas crítica, mas procura

6

Para maiores informações sobre o relatório e seu impacto, ver: <https://artreview.com/it-is-a-matter-of-justice-benedicte-savoy-on-the-argument-for-restitution/> e <https://news.artnet.com/art-world/restitution-report-critics-1446934>  
Acesso em 17/08/2022 às 15:45h.

7

A respeito do Humboldt Fórum, ver, entre outros: <https://www.dw.com/pt-br/pol%C3%A4micas-antecipam-inaugura%C3%A7%C3%A3o-do-humboldt-forum-de-berlim/a-57749086>; <https://hyperallergic.com/699644/humboldt-forum-disappointing-ethnographic-collections/> e <https://artebrasileiros.com.br/arte/instituicao/humboldt-forum/>  
Acesso em 17/08/2022 às 16:09h.



"A Covid acelerou a vontade de mudança de paradigma":  
Entrevista com Lisette Lagnado  
Fernanda Pequeno

também curar feridas coloniais e elaborar lutos desses objetos que estão "presos" em museus etnográficos. E convidamos a artista Pélagie Gbaguidi, beninense que mora em Bruxelas e vai fazer uma colaboração com o Musée Royal de Tervuren a partir da urgência de providenciar uma sepultura para tantos animais trazidos como troféus. Então o caso específico do Humboldt Fórum, meio que desapareceu. É uma polêmica que pertence à cena daqui, as cifras fabulosas envolvidas nesse investimento...

Até agora consegui ver poucas exposições por conta da carga de trabalho, inclusive nos finais de semana. O Hamburger Bahnhof é um museu com uma coleção que praticamente só mostra artistas homens, uma leitura machista da arte, difícil mesmo, tem uma Rosemarie Trockel perdida ali... Em contraposição, nossa Bienal adotou um tom eminentemente feminino. Não é comum. Pensa a Bienal de São Paulo: ela tem um traço marcado por grandes salas históricas. Nesse sentido, não fico intimidada em expor obras da Käthe Kollwitz, ainda mais sendo uma figura proto-feminista da maior importância, cuja exposição em São Paulo, graças ao Clube dos Artistas Modernos, inspira a conferência do Mário Pedrosa a se debruçar sobre questões sociais da arte. Infelizmente, as bienais de São Paulo instrumentalizaram as salas históricas, sequestrando elas para a lógica do marketing. Mas quando bem usadas... porque a Bienal de São Paulo tem uma vocação moderna de cunho pedagógico. Como dizia o Mário Pedrosa: era preciso colocar o Brasil em diálogo internacional. Não é uma necessidade inscrita na origem da Bienal de Berlim. Então, depois desse momento de paralisia (Linn da Quebrada já esteve aqui!), a pergunta que me veio foi: "Qual a grande exposição monográfica recente de um artista latino-americano ou brasileiro depois de Hélio Oiticica e Lygia Clark no Jeu de Paume, no IVAM, no Witte de With? Depois do Tunga, e da Mira Schendel também no Jeu de Paume, do Cildo, na Tate?". Diante da sensação de que tudo já foi feito, e que aqui as questões têm um fórum acadêmico extraordinário, eu acho que nossa equipe está levantando o problema da colonização com perspectivas feministas e queers inéditas para os berlinenses. Uma autora como Rita Segato nunca foi traduzida. Ela fazia parte do nosso programa público, mas tivemos de cancelar também.

Outro ponto importante: os museus que resolvemos convidar. Isso é inédito em termos de bienal de arte contemporânea. Quem aqui conhece



“A Covid acelerou a vontade de mudança de paradigma”:  
Entrevista com Lisette Lagnado  
Fernanda Pequeno

o Museu de Imagens do Inconsciente e o Museu de Arte Osório César? O Clube de Artistas Modernos organizou em 1933 um mês dedicado às crianças e aos loucos. E tem esse livro fantástico da Kaira Cabañas, *Learning from Madness*, em que ela coteja a coleção Prinzhorn com iniciativas brasileiras de práticas artísticas dentro de instituições psiquiátricas. Pois é, qual a projeção internacional dos trabalhos anti-psiquiátricos de Nise da Silveira e Osório César?

É verdade que as restrições da pandemia nos obrigam a valorizar o local, uma escala mais humana, que sempre foi importante no formato de nossa curadoria, por isso abrimos um espaço mais experimental e menor, sem o glamour esperado, sem os guardas, sem as condições museológicas. Mas essa crise sistêmica, de um modelo de Bienal, modelo neoliberal de difusão, já era insustentável, né? Essas viagens alucinadas, pensa os iates em Veneza... Agora, qual a responsabilidade da população indígena sobre emissões de carbono? Zero. Os objetos de sua cultura, que foi pilhada, estão aqui. Mas os legítimos proprietários têm sua entrada no espaço europeu vetada porque estão vindo da América Latina e as questões sanitárias não permitem. É uma ironia de uma crueldade... A Covid suscitou um debate sobre a redistribuição de nossos privilégios.

**FP:** E você usou essa imagem do gesto e que tipo de rastro vai deixar para a própria instituição, para a cidade e para os artistas que passaram por essa experiência, eu imagino.

**LL:** Deve ter acontecido com você também, no primeiro momento do confinamento, perguntar-se: “Prá quê tudo isso afinal?” A Covid acelerou a vontade de mudança de paradigma e de passar para a ação.

**FP:** É, e de que modo também as instituições vão ou não ter essa capacidade de se reinventar, de se repensar. Mas pensando nesse lugar, assim, nós, como profissionais das artes, curadoras que também fazem as instituições. Você está aqui por um período determinado para trabalhar nessa edição da bienal. E aí, de que maneira essa estrutura, que é também política, vai estar ou não aberta ou refratária para esse tipo de intervenção, a se repensar. Eu acho que isso é o mais complexo: repensar esse modelo de circulação das obras. Olhar mais para os acervos próprios das instituições, de exposições menores, até para controlar quantidade de público, justamente,



“A Covid acelerou a vontade de mudança de paradigma”:  
Entrevista com Lisette Lagnado  
Fernanda Pequeno

quem entra e sai, e não dá para você pensar no curto prazo em exposições mega. As feiras cancelaram....

**LL:** Fizemos um esforço gigantesco de articulação e sabemos agora que o vice-diretor do Museu de Imagens do Inconsciente, Eurípides [Gomez da Cruz Junior], que tornou possível os empréstimos, não poderá ver a exposição, nem aproveitar os diálogos com outros artistas. O sentimento de frustração tem sido coletivo e nós, curadoras, estamos na linha de frente. Estamos trazendo obras do Museu Salvador Allende, o Museu da Solidariedade, que também nunca foram mostradas aqui. Vem um bordado gigantesco da Graça Barros que foi restaurado especialmente para poder viajar. Uma era acabou. Talvez possamos imaginar que as exposições *blockbuster* acabaram. Esta seria uma boa notícia a ser extraída dessa calamidade toda.

Mas vem uma crise econômica, financeira, que vai atingir em cheio nosso setor, que vai ser muito grave para os profissionais, sobretudo para atores, para quem vive da performatividade de seu corpo, da presença física, sabe? O Teatro da Vertigem, que estaria aqui para realizar sua obra, vai fazer no Brasil e a representação do trabalho será um filme<sup>8</sup> em São Paulo, na Avenida Paulista. Ou seja: outra frustração colossal. A gente vem de uma prática que procurou diminuir a distância entre a arte e a vida, imagina todas as proposições de um Oiticica, de uma Lygia, a importância da participação. Os protocolos de higienização estão nos levando a um retrocesso inimaginável. A outra má notícia é que a arte irá se elitizar mais, perdendo seus públicos espontâneos. Você não pode mais andar na rua e resolver entrar e ver uma exposição, agora precisa reservar seu ingresso pela internet, quem pode fazer isso?

**FP:** E você teve possibilidade de viajar para outras cidades, da Alemanha, *studiovisits* ou visitar exposições?

**LL:** Queria ver a coleção Prinzhorn. Não fui. Íamos apresentar a bb11 na Escola de Arte de Frankfurt. Cancelado. Dominique Gonzalez-Foerster dá aula na Academia de Artes de Düsseldorf e tinha pedido para conversar com os estudantes dela. Cancelado. Minha maior vivência, afinal, tem sido lá em Wedding mesmo. Você conhece o Savvy Contemporary<sup>9</sup>? O curador Bonaventure [Soh Bejeng Ndikung] e sua equipe fazem um trabalho incrível, mas a vizinhança frequenta pouco. Por que será?

8

No momento da entrevista, o novo projeto do grupo não estava sequer definido por seus participantes, em estado de choque com a situação vivida no Brasil. Por fim, o Teatro da Vertigem fez *Marcha à Ré* em São Paulo, na Avenida Paulista e a bienal mostrou um registro filmico de Eryk Rocha.

9

No momento da entrevista, o novo projeto do grupo não estava sequer definido por seus participantes, em estado de choque com a situação vivida no Brasil. Por fim, o Teatro da Vertigem fez *Marcha à Ré* em São Paulo, na Avenida Paulista e a bienal mostrou um registro filmico de Eryk Rocha.



"A Covid acelerou a vontade de mudança de paradigma":  
Entrevista com Lisette Lagnado  
Fernanda Pequeno

Nós recebemos crianças que começaram a nos visitar sem mais nem menos, depois de participar de um *workshop* com Mirja Reuter e Florian Gass que elas adoraram. Cheguei a pensar o seguinte: "Se a Bienal for esperta, deveria assimilar uma visão a longo prazo, de uma coisa que transcende o evento." Mas a Bienal já está pensando na próxima, já está com o orçamento comprometido para a próxima edição. Não pudemos adiar para 2021.

**FP:** Vocês chegaram a pleitear isso?

**LL:** Não pleiteamos propriamente, mas a situação está caótica. O Peru em quarentena, o Chile acabou de sair do *lockdown*, Argentina também, México ainda está mal. A Índia em estado catrastófico. Temos duas artistas confinadas lá, Natasha Mendonça e Suman Sridhar, o Black Mamba, em estado de total vulnerabilidade. O Brasil nem vou discutir. Para uma bienal concebida a partir dos problemas de desigualdade global impostos sobre o Sul, adiar para 2021 poderia significar um alento. Ninguém sabe ao certo nada. O outro dilema que tivemos de enfrentar é que os espaços, as *venues*, têm um calendário, compromissos assumidos com sua programação regular e perderíamos a sede do Gropius Bau.

Gosto de pensar em nossa lenta infiltração naquele edifício de ExRotaprint, em que agora as crianças estão levando os pais e os irmãos. Podia ser um satélite do KW<sup>10</sup> fora do bairro turístico de Mitte<sup>11</sup> - o KW e a bienal são duas instituições que se separaram recentemente -, elas poderiam se repensar, para além de Mitte. Mas aí você percebe que qualquer inscrição geográfica da arte acaba se tornando uma porta para a gentrificação. Há uma gentrificação que está acontecendo lá, independente da gente,. Qualquer espaço de arte ou mesmo uma escolinha de arte, gera novas demandas, movimenta expectativas, fluxos. Em Wedding eu me sentia um pouco no Catete, sei lá, é uma outra Berlim<sup>12</sup>.

10

KW Institute for Contemporary Art  
ou Kunst-Werke Berlin.

11

Como se denominam o centro, a  
parte central das cidades alemães.

12

Bairro tradicional do Rio de Janeiro.



"A Covid acelerou a vontade de mudança de paradigma":  
Entrevista com Lisette Lagnado  
Fernanda Pequeno



exp.2: Virginia de Medeiros. ExRotaprint, 11a Bienal de Berlim. Fotografia de Mathias Voelzke. Cortesia de Virginia de Medeiros.

**FP:** E, você percebe uma abertura, um interesse maior - seja por parte da Bienal enquanto instituição ou nessa circulação que fez pela cidade, em contato com outros curadores ou galeristas - de obras de artistas mulheres do Brasil? Como é que você percebe? Você mesma colocou essa questão feminista no discurso e na presença de artistas mulheres da Bienal...

**LL:** Acabei conhecendo coletivos feministas aqui, como a Julia Bonn e Inga Zimprich do Feminist Health Care Research Group, que aliás discutem o próprio conceito de produtividade. Mas a cena digamos mais "profissional", ligada à circulação do mercado, é um circuito muito masculino. A pintura e a fotografia movimentam um mercado basicamente constituído, na Alemanha, de homens.

Hoje, para mim, é uma coisa automática, bato o olhar no convite de uma mostra coletiva e já faço uma contabilidade. O Brasil está muito atrasado em relação à paridade entre homens e mulheres.

Eu mesma fui uma curadora pouca atenta. Ou melhor, eu pertencço a uma outra geração. Tenho dois filhos e, quando engravidei do primeiro,

"A Covid acelerou a vontade de mudança de paradigma":  
Entrevista com Lisette Lagnado  
Fernanda Pequeno

escondi a gravidez até onde eu pude. Encontrei um galerista, que se espantou quando me viu: "Você está muito grávida!". Eu estava no oitavo mês. E aí, ele disse: "Então você vai pendurar a chuteira?". A segunda gravidez foi em 1989. Eu estava subindo a rampa da Bienal, grávida, encontro com um artista que olha para mim e fala assim: "De novo? Quantos filhos você já tem?" Fiquei paralisada, me sentindo culpada. Hoje existe toda uma discussão em cima do tempo do trabalho reprodutivo, o tempo que você investe para cuidar do filho, que é trabalho. Pertencço a uma ideologia feminista que queria afirmar a igualdade entre homens e mulheres, mesmo que o custo fosse a masculinização da mulher: "Estou grávida, mas não tenho medo. Sou mulher e não sinto cólicas. Fico menstruada, sem sentir tpm, nem dor de cabeça. Sou tão forte quanto 'ele'". Era um outro feminismo, totalmente diferente do atual. Claro que acho muito mais legal o ponto em que chegou a discussão.

A bienal que eu fiz eliminou as representações nacionais. Quinze anos depois, o Videobrasil atualizou a pergunta da minha bienal, "Como Viver Junto". É certo que me coloquei contra essa urdidura institucional que fazia com que a predominância de nações ricas se confundisse com expressividade e qualidade artística. Agora a questão do "lugar de fala", no início dos anos 2000, na época que eu fiz a 27ª Bienal, não era *sine qua non* para denunciar o racismo. Na entrada do Pavilhão, havia uma instalação da sul-africana Jane Alexander. Hoje as populações periféricas ou minorias não precisam de ninguém que fale por elas. Isso, felizmente, mudou de forma radical. A própria Virginia [de Medeiros] apresentou o *Studio Butterfly*, esse álbum *trans*, sem ter migrado de gênero. Então, fui revisitar a lista da minha bienal e acho que não tem 40% de mulheres. Fiquei mortificada, entende? Não consigo nem mais elogiar suas qualidades intrínsecas, mesmo tendo mostrado um desfile da Daspu como integrante do trabalho do artista esloveno Tadej Pogacar e "Mujeres Creando" da boliviana Maria Galindo<sup>13</sup>. Era uma outra época. É que de fato, no Brasil, por ser um país historicamente injusto, em termos de classes sociais, questões de minoria de gênero ficaram como uma segunda questão, o que não deixa de ser uma análise equivocada. Os termos eram: primeiro acabar com a desigualdade social, depois, o resto...

Sei de histórias de professores que se recusaram a orientar teses sobre Leonilson na PUC do Rio, dizendo que ele não tem relevância para

13

Para maiores informações,  
ver: <https://repositorio.usp.br/item/002166895> e <https://entretenimento.uol.com.br/27bienal/entrevistas/textos/ult4026u29.jhtm>

Acesso em 12/09/2022 às 06:59h



“A Covid acelerou a vontade de mudança de paradigma”:  
Entrevista com Lisette Lagnado  
Fernanda Pequeno

a História da Arte. Eu me mobilizei muito com a ascensão da AIDS na comunidade artística. Talvez isso me faça olhar a Covid de modo diferente. A AIDS ainda mata um milhão de pessoas por ano. Não se trata de comparar números, a gente está com 600 e tantos mil notificados com Covid, mas a vacina vai sair. E a vacina da AIDS não saiu. É uma doença que incomodou por ser sexualmente transmissível. Tocou na moral. Naquele momento, pós-revolução sexual, foi interpretado com um castigo divino. Veja as narrativas do Apocalipse... Há um pequeno depoimento do ex-Presidente uruguaio José Pepe Mujica, no jornal espanhol *El País*, em que ele diz que se ele fosse crente hoje (porque não é), mas se ele fosse crente ou se ele tivesse qualquer crença, diria que a pandemia da Covid vem para sinalizar alguma coisa em relação ao tempo que estamos vivendo. Acho que é inevitável que esses momentos de suspensão, em que você vê que o mundo inteiro parou, te fazem refletir. Mas a AIDS não parou o mundo. Lamentavelmente, as pessoas não foram informadas, alertadas.

**FP:** Eu tenho uma orientanda de mestrado que se chama Aline Siqueira Cordeiro<sup>14</sup> e ela está fazendo a pesquisa dela sobre o Leonilson e o Félix González Torres. Ela pensa o impacto da Aids na produção artística contemporânea, mais especificamente nas obras desses dois artistas. E aí, saiu o texto do Paul Preciado<sup>15</sup>, em que ele faz essa aproximação entre várias epidemias, mas também, sobretudo, essa noção do corpo, de controle, passando pela AIDS e chegando na Covid.

**LL:** É, vem na sequência do texto da Susan Sontag, “Doença como metáfora”.

Logo depois da 27ª Bienal de São Paulo, eu fiz a edição de um caderno do Videobrasil: “Clio Pátria”. Foi uma tentativa de ajustar o percurso da minha biografia, uma trajetória que não tem aquela coerência de um Ronaldo Brito, de abraçar o neoconcretismo, e pa-pa-pa tudo foi nessa mesma toada. Fui buscar entender quais foram minhas escolhas estéticas: Bispo do Rosário, Leonilson, Hélio Oiticica, Iberê Camargo, Mira Schendel. O que elas têm em comum? Figuras que ocuparam anos da minha vida e cuja diversidade fez com que muita gente não entendesse minhas escolhas. Mas será que podemos entender o Leonilson como um artista *queer*? Ele tem uma ambiguidade entre o masculino e o feminino, e não é *trans*. Assim

14

CORDEIRO, Aline Siqueira. “Espelhos de uma condição: reflexos da soropositividade nas obras de Félix González-Torres e Leonilson”. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em História da Arte. Rio de Janeiro: Uerj, 2021. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/17098>  
Acesso em 18/08/2022 às 16:11h

15

PRECIADO, Paul. “Aprendendo do vírus”. In *Pandemia crítica*. Coletânea de textos publicada no website da N-1 Editora. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/26>  
Acesso em 18/08/2022 às 13:20h.



“A Covid acelerou a vontade de mudança de paradigma”:  
Entrevista com Lisette Lagnado  
Fernanda Pequeno

que eu me fiz a pergunta, olhei para minha mesa de trabalho e havia uma série de catálogos que eu tinha acabado de receber. E eram de mulheres, a maioria amigas. Rivane Neuenschwander, por exemplo. E eu fiquei pensando: “Poxa, mas eu tenho uma relação sim com artistas mulheres. Só que eu nunca as abordei dentro da perspectiva de gênero.” Justamente, por que isso vinha de um olhar preocupado em dar condições iguais etc. sem compreender as injustiças históricas do patriarcado. Na época a Sophie Calle estava com uma exposição em São Paulo.

**FP:** Aquela “cuide de você”? Depois foi para o Rio também.

**LL:** Sim. E o caderno “Clio Pátria” abordava o problema das narrativas por meio da língua e da história, a capa é da artista alemã Rosemarie Trockel, tem texto da Eliane Robert Moraes<sup>16</sup>, discutindo a questão da voz, a Declaração da Assembleia de Mulheres do Fórum Social Mundial... Era 2009, me interessava fazer um balanço dos sessenta anos de *O Segundo sexo*, da Simone de Beauvoir. O projeto gráfico é do Rodrigo Cerviño Lopes. Jogamos todos os textos para a esquerda e reproduzimos as obras à direita, criando uma leitura desencontrada entre palavra e imagem. As imagens não ilustravam os textos. E daí, entrava a Sophie Calle, entrava a De Beauvoir com um fragmento. Depois Beatriz González, Mounira Al Solh, a colombiana María Angélica Medina. Partíamos de uma linha que saía da Renata Lucas para Doris Salcedo, Marilá Dardot... Talvez seja minha contribuição feminista mais “engajada”...

**FP:** Mas você percebe que agora, isso passou a ser uma preocupação para você?

**LL:** Total. É uma preocupação e não quer dizer que seja uma coisa fácil. Porque eu ainda percebo que eu tenho uma série de... Não são vícios, mas constituí uma rede, uma rede de artistas. Será que consegui dar um depoimento sobre a questão de gênero? Acho que não.

Anos atrás, quando Marcantonio Vilaça tinha a galeria dele, que colocou muita gente não só em São Paulo, mas no cenário internacional, ele fez uma exposição da Courtney Smith. A exposição era linda, embora eu conheça muito mal o trabalho dela. Eram telas brancas com umas tintas aguadas vermelhas. E o Ivo Mesquita - o Ivo é um crítico muito interessante - escreveu alguma coisa que procurava defini-la dentro do universo feminino.



“A Covid acelerou a vontade de mudança de paradigma”:  
Entrevista com Lisette Lagnado  
Fernanda Pequeno

Lembro que isso caiu entre nós como uma bomba. Pois é. Mais ou menos nessa época, Aracy Amaral escreveu um texto para uma exposição que o Sérgio Romagnolo estava organizando e que tinha, além do próprio Sérgio, a Ana Maria Tavares, Leda Catunda e acho que a Mônica Nador também<sup>17</sup>. E aí, num determinado momento, Aracy escreve que ninguém poderia imaginar que o trabalho da Ana Tavares fosse feito por uma mulher. Porque são aquelas esculturas pesadas etc. Achei ofensivo, sabe? São casos esparsos em que críticos tão diferentes quanto Ivo e Aracy vão qualificar as obras a partir do que se entende por “feminino” ou “masculino”.

Pertenço à geração que amava as discussões em torno do desaparecimento do autor, [Roland] Barthes, [Samuel] Beckett... A pergunta “Que importa quem fala?” do [Michel] Foucault era um dos meus lemas mais citados em sala de aula<sup>18</sup>. A biografia não era bem-vinda quando significava escrever com nossas próprias neuroses ou doenças (Gilles Deleuze). A gente lutava e sofria por um ideal universalizante, querer ser primeiro reconhece como artista independentemente de seu gênero e geografia. Um pouco como dizer: “Não quero ser artista latino-americano, quero ser artista, ponto final.” É preciso perceber quão problemático é advogar por um discurso que não traga suas especificidades. Uma vez, escrevendo sobre a Rivane, mencionei a delicadeza dos procedimentos dela. Foram horas no telefone questionando a terminologia porque havia esse temor de cair dentro de classificações...

**FP:** A pedido da artista?

**LL:** A pedido da artista. Uma longa conversa que virou uma grande amizade e de como essa emblematização acaba gerando interpretações que despertam a necessidade de escapar de certos vitimismos. É um machismo e um patriarcado tão encrustados que só hoje o protesto das mulheres levantou a voz. Converse com a Regina Silveira, que é um dos pilares da arte brasileira dos anos 1970. Posso estar enganada, mas jamais encontrei uma menção feminista. Contrariamente à obra de Cecília Vicuña, e outras artistas latino-americanas, para quem é, digamos, uma reivindicação. No Brasil, não, o tema foi considerado contraproducente até pelas esquerdas. Sem contar a quantidade de mulheres que foram invisibilizadas, na sombra de seus maridos. Então, há um trabalho gigante a ser feito.

17

Intitulada “Arte híbrida”, a exposição reuniu novamente, em 1990, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, Ana Maria Tavares, Leda Catunda, Mônica Nador e Sergio Romagnolo.

18

A curadora se refere ao texto “O que é um autor?”, disponível em: FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001. p. 264-298.



"A Covid acelerou a vontade de mudança de paradigma":  
Entrevista com Lisette Lagnado  
Fernanda Pequeno

Como me interesso por intervenções urbanas, encontrei no Rio uma outra cena, bem diferente de São Paulo, onde o espaço é (era!) masculino e os arquitetos dominam. Mas aí cheguei no Rio e conheci, por exemplo, a Suely Farhi... são tantas e tantas artistas mulheres atuantes, totalmente à margem do mercado...

Transcrição: Amanda Domiciano

Edição: Fernanda Pequeno e Lisette Lagnado